

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 39  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 166 — Domingo, 12 de Agosto de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS  
E CARIMBOS  
NA —  
TIPOGRAFIA SOCORRO  
FÁBRICA DE CARIMBOS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3  
AVENÇA

## UNIDADE NACIONAL

NÃO é baseando-nos em conceitos teóricos mas na experiência de muitos anos que assumimos autoridade para condenar o regime de partidos. E não venham apontar-nos a Inglaterra, a Escandinávia, a Suíça, para exemplificar o caso contrário. São povos de psicologia bem diferente da nossa, que têm a noção da responsabilidade pessoal, incapazes de subordinar o supremo interesse colectivo ao interesse individual. Diga-se o que se disser, o factor psicológico é decisivo na

formação da nacionalidade e, por reflexo, na constituição do regime que a rege. Assim, o que é bom na Inglaterra ou na Suíça mostra não servir a ordem e o progresso económico nos países latinos.

Não vemos nós, hoje mesmo, que a França e a Itália, com os seus partidos, são países por assim dizer ingovernáveis? Não nos ensina isto que a latinidade, pelo seu modo de ser psicológico, tem de buscar um tipo novo de democracia que anule e corrija os vícios do individualismo desbragado que conduz à anarquia?

Não foi calma nem fácil a instalação do liberalismo em Portugal. Dezenas de anos de revoluções decorreram, até que se fixou o rotativismo (engrenagem dos partidos regenerador e progressista). Então, Fontes Pereira de Melo conseguiu governar durante seis anos seguidos e realizar o plano das estradas e as pri-

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

## NOVO PRESIDENTE da Câmara Municipal

No dia 8 do corrente, no edifício do Governo Civil de Faro e com a assistência de numerosas individualidades, foi conferida a posse do cargo de Presidente da Câmara Municipal deste concelho, pelo sr. Governador Civil de Faro, sr. eng. Mascarenhas Gaivão, ao sr. José Victor Adragão.

## PELA VILA

FOI, finalmente, demolida a antiga praça do peixe desta vila, e a sua infecta adjacência, vulgarmente designada pelas «Salgadinhãs», que durante largos anos afrontaram, com a sua presença inestética e respectivos odores, principalmente durante a época calmosa, a Avenida da República, incontestavelmente uma das mais belas artérias não só da nossa terra como de toda a Província.

PARA substituir a Praça agora demolida, mandou a Câmara da presidência do sr. dr. Alonso Vasques, cujo amor e dedicação pelos problemas da terra e do concelho nunca é demais encomiar, proceder à adaptação do edifício da fábrica Sales como Mercado do Peixe, tendo sido inauguradas, no passado dia 5, as novas instalações.

Embora dificuldades burocráticas diversas tivessem impedido a execução do primitivo projecto do edifício para a praça do peixe, mais harmónico com as necessidades da terra e as exigências da artéria onde se situa, as instalações agora inauguradas são de molde a satisfazer e representam um melhoramento importante para a nossa vila.

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

## EM CASTRO MARIM

realizam-se nos próximos dias 14 e 15

AS FESTIVIDADES EM HONRA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES

REALIZAM-SE nos próximos dias 14 e 15 do corrente, na vizinha vila de Castro Marim, as tradicionais festas em honra da sua Padroeira, Nossa Senhora dos Mártires.

Acontecimento que todos os anos leva àquela vila alguns milhares de pessoas de todo o Sotavento algarvio e do Baixo Alentejo, pois é uma das romarias mais castiças desta vasta região, promete revestir-se este ano do costumado brilho.

Do programa, que está a ser distribuído e tem a aprovação da autoridade eclesiástica, constam, para o dia 14:

Às 7 horas: Alvorada pela Filarmónica de São Brás de Alportel, que percorrerá as principais ruas da vila, repiques festivos dos sinos da igreja matriz e girândolas de foguetes e morteiros; às 10 horas: Missa com cân-

## “ESTUDOS ALGARVIOS”

A Direcção da Casa do Algarve exarou em acta, na sua última reunião, votos de louvor aos srs. major Mateus Moreno e dr. Garcia Domingues, pela forma como foram recebidos os seus trabalhos da colecção monográfica «Estudos Algarvios», respectivamente, «Sagres e o Infante» e «Património Cultural Árabe-Algarvio», e autorizou a entrada no prelo dos dois novos trabalhos da mesma colecção: «Problemas do Algarve — Necessidade da defesa da economia agrícola algarvia», subscrito por Armando Xavier da Fonseca e «A Cultura no Algarve — Cândido Guerreiro», da autoria do ilustre reitor do Liceu de Passos Manuel, sr. dr. José Guerreiro Murta.

Dos dois primeiros trabalhos continua a efectuar-se a distribuição por todo o País e Ultramar.

## ITINERÁRIO DE UM PASSEIO À SUÍÇA

II

Pelo DR. F. FERNANDES LOPES

(NÃO quero prosseguir no desenrolar deste Itinerário sem profligar, antes de tudo, a desafortada gralha horrível, que teimou em convertê-lo, logo de entrada, num itinerário disparatado... pois, por mais transformos que haja sofrido a reforma da ortografia, ainda não chegámos, felizmente, à entronização da boçalidade ignara, apesar mesmo do grande veículo de pro-

paganda que estão sendo as legendas das fitas cinematográficas, a despeito da supervisão oficial da Inspeção Geral dos Espectáculos (a que elas se esgueiram, não me explico como). Retomando agora o fio do meu discurso, explicarei que entre as obras, todas inéditas, de António Vivaldi (1680-1745), que compunham o programa — seis concertos para diversos instrumentos, com alguns a solo — figurava, na primeira parte, uma intitulada *La Notte*, para fagote e orquestra, música descritiva verdadeiramente, em três quadros: *Fantasmis* (Fantasmas), *Il Sogno* (O sono), *Sorge l'aurora* (O despertar), conforme a explicação que verbalmente Ansermet deu ao público antes da execução. O fagotista era de primeira plana (M. Henri Moelaerts), e nunca eu suporia o fagote susceptível de tal virtuosidade expressiva. O concerto foi assim uma perfeição. A música, em si, da maior curiosidade e interesse, comprovando Vivaldi como aquilo que na realidade ele

foi: um músico veneziano, rico de fantasia poética e de colorido. Julgo que para a selectíssima assistência não deixou de ser uma surpresa absoluta, também, pelos aplausos que coroaram a maravilha, como pelas impressões que ouvi a vários vizinhos da plateia...

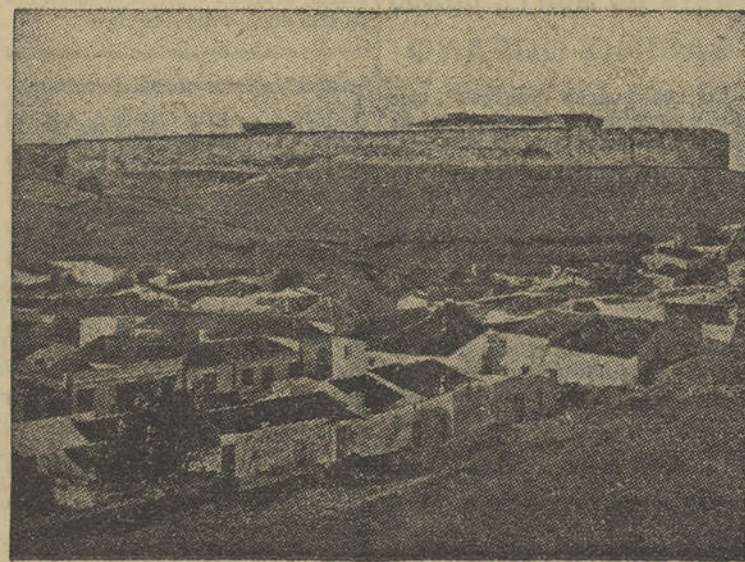
Encantado positivamente com a inesperada fortuna musical deste memorável domingo, 25 de Maio

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

tics em louvor da Padroeira; às 17 horas: abertura do Bazar, onde se encontram muitas e valiosas prendas.

No dia 15, haverá alvorada, como no dia anterior,

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)



CASTRO MARIM — Vista parcial

foi: um músico veneziano, rico de fantasia poética e de colorido. Julgo que para a selectíssima assistência não deixou de ser uma surpresa absoluta, também, pelos aplausos que coroaram a maravilha, como pelas impressões que ouvi a vários vizinhos da plateia...

Encantado positivamente com a inesperada fortuna musical deste memorável domingo, 25 de Maio

foi: um músico veneziano, rico de fantasia poética e de colorido. Julgo que para a selectíssima assistência não deixou de ser uma surpresa absoluta, também, pelos aplausos que coroaram a maravilha, como pelas impressões que ouvi a vários vizinhos da plateia...

Encantado positivamente com a inesperada fortuna musical deste memorável domingo, 25 de Maio

foi: um músico veneziano, rico de fantasia poética e de colorido. Julgo que para a selectíssima assistência não deixou de ser uma surpresa absoluta, também, pelos aplausos que coroaram a maravilha, como pelas impressões que ouvi a vários vizinhos da plateia...

Encantado positivamente com a inesperada fortuna musical deste memorável domingo, 25 de Maio

UMA QUESTÃO DE TRANSCENDENTE IMPORTANCIA PARA A ECONOMIA REGIONAL

## IMPÕE-SE O LANÇAMENTO DA JÁ SOLICITADA

### ARMAÇÃO DE ATUM NO SÍTIO DO CABEÇO

SE não fora as armações marroquinas e espanholas, quase se não teria fabricado este ano Atum de Direito, em Vila Real de Santo António. As nossas armações de ano para ano se revelam menos eficazes na pesca daquele atum, limitando-se a fazer a temporada à base do Revez que, como se sabe, é um peixe inferior e de escassa aceitação. Não sabemos a que atribuir esta ineficácia pouco explicável, dado que, tanto as armações marroquinas como as espanholas, realizaram este ano frutuosas pescarias de Direito e não as efectuam também de Revez porque não lhes interessa.

Há, no entanto, uma verificação que não deve passar despercebida — é que o atum de Direito converge mais para o centro do golfo

de Cádiz, o que significa que quanto mais para Leste lançarem as armações mais probabilidades de pesca têm. Aqui próximo de nós, um pouco a Leste de Isla Cristina, lança uma armação que todos os anos efectua belas pescarias. Isto vem dar razão aos nossos industriais que solicitaram, há anos, autorização para estabelecer uma arte por alturas do Cabeço, o melhor local, estamos certos, da costa algarvia para frutuosas pescas. E todos ainda estamos lembrados das magníficas capturas, tanto de Direito como de Revez, que efectuava a Rainha Regente, que lançava na foz do Guadiana.

Enquanto não forem ultimados os estudos decorrentes para o lançamento das armações móveis apoiadas em dois navios de cerca

de trezentas toneladas cada e que terão um raio de acção ilimitado, pois em vez de esperarem o encalhe do atum, irão ao seu encontro

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

## ABASTECIMENTO de água

à povoação de Bordeira

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de Aljezur, pela verba do Fundo do Desemprego, e destinada ao abastecimento de água à povoação de Bordeira, daquele concelho, uma participação de 27.000\$00.

## A QUEM PERTENCERÁ A ÁFRICA NO FUTURO?

(Especial para o «Noticias do Algarve»)

OS trágicos acontecimentos que se desenrolam actualmente na Argélia, depois de terem revolvido a Tunísia e Marrocos, são, na sua maior parte, dirigidos, fomentados e explorados do exterior. Todo o Oriente se liga e ameaça. Os países árabes tornam-se acusadores e os assassinatos políticos a «frio» sucedem-se, sem vergonha, com um fanatismo que nada consegue destruir. A Guerra Santa, fria ou quente, está declarada. O acordar do Pan-Islamismo é, evidentemente, um dos factores mais importantes da política mundial da actualidade. Conhecemos mal o Islão. Não levamos bem em conta a sua natureza, as suas exigências, o seu domínio sobre centenas de milhões de seres humanos, a sua ambição e também o seu prestígio.

Existem, actualmente, no mundo muçulmano, três categorias de

personas. Em primeiro lugar, a grande massa tradicionalista, composta de analfabetos, de almas apagadas, crédulas, mantidas nas suas tradições pelas mulheres, pelos marabús, pelos quadros feudais do clan, da tribo, da administração muçulmana. Esta massa, no seu conjunto, não é má. Pede somente a paz. E nos reconhece pelo que os nossos missionários, os nossos médicos, as nossas religiosas têm feito por ela. Mas é também dócil à voz dos seus chefes. É capaz de aguentar bastantes sofrimentos, inexplicáveis para nós e bastante desconcertantes, desde que seja feito um apelo à tradição religiosa. Está sempre à mercê de uma ou de outra das outras categorias. Segue-se a dos evoluídos, que são muçulmanos conhecedores da civilização ocidental, mais ou menos desligados de toda a cren-

(CONTINUA NA 4.ª PÁGINA)

## Conta Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Isabel

Tenho uma casinha no campo. Bem, uma casota. Uma casota em que, para entrar nela, só de perfil. Duas salinhas, a cozinha, mas tudo de boneca, tudo para Lilput.

No entanto, em frente dela — é só atravessar um pequeno carreiro — tenho o pinhal. E logo ao pé da porta, um belo e simples pinheiro manso, um lagtago bondoso que dá uma sombra com vinte dos meus passos por diâmetro.

Um dia, com mais vagar, falar-lhes-ei do meu amor por essa casinha, de como a embelessei singelamente com as louças inventadas pelo povo nas olarias do Minho. Hoje é apenas para lhes falar da Isabel. A Isabel não é uma pessoa célebre. Não é, mesmo, uma criança célebre. É uma criança de seis anos, ruiva, levemente picada das bexigas, com dois olhos que são maiores do que a cara toda. A cara toda é iluminada pela luz que vem dos olhos, como se em frente dela estivesse um projector. Veste um salote de florinhas vermelhas. É pequenina e despercebida. Todas as crianças em Portugal são pequeninas e despercebidas, mas esta é uma coisinha que mal sai do chão. Tão pequenina

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

## apresenta UMA CRÓNICA por semana



Ocupemo-nos hoje da «Carta de Longe», que J. R. de Carvalho e Rêgo, distinto colaborador deste jornal, nos escreveu. O que nela ressalta de mais importante, quanto a nós, é que na nossa longínqua província de Macau não há analfabetos. É uma afirmação verdadeiramente espantosa (para nós, metropolitanos e ocidentais) e que coloca desde já os indígenas num grau de superioridade perante os metropolitanos, que, infelizmente, andam, neste aspecto e provavelmente noutros que desconheço, muito mais atrasados.

Certamente que na sua próxima carta Carvalho e Rêgo nos vai falar das bi-

bliotecas e da assistência — porque estamos ansiosos por conhecer o seu nível e a sua orgânica — nesta nossa remota província de Macau.

Da lição de civismo que os habitantes de Macau dão aos expedicionários que para lá seguem, acompanhados das vicissitudes desta metrópole heterogénea e de baixa educação, já algo ficámos sabendo, e ainda bem que assim sucede. Só é pena que os macaenses fiquem fazendo tão mau conceito dos metropolitanos. Contra este mal, porém, o

(CONCLUÍ NA 4.ª PÁGINA)

## Engenheiro

### MÁRIO LIMA INFANTE

Com elevada classificação, concluiu a sua formação em engenharia de máquinas, no Instituto Superior Técnico, o sr. Mário Lima Infante, filho do sr. D. Maria Leonilde Cabrita Lima Infante, directora do Externato de Nossa Senhora do Rosário, em Olhão, e do sr. Eugénio dos Santos Infante.

Ao novo engenheiro apresentamos cumprimentos de felicitações.

HAVERÁ FACILIDADES NA FRONTEIRA durante as Festas

### DAS ANGIJSTIAS

Tal como no ano passado, foi estabelecido entre as Autoridades de Espanha e de Portugal que a passagem da fronteira seja facultada aos portadores de Bilhete de Identidade e documento passado pela Autoridade Administrativa do respectivo concelho, por ocasião das grandes Festas a Nossa Senhora das Angústias, que terão lugar na vizinha cidade de Almonte, de 7 a 11 de Setembro próximo.

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Com pouca demora, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa e gentil filha, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. António Joaquim d'Almeida, chefe da Secretaria da Câmara Municipal, em Loulé.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante sr. Tomás Santana Silva, funcionário superior da C. U. F., residente no Barreiro.

Com sua esposa e filhos, encontra-se nesta vila o nosso prezado amigo e assinante sr. Joaquim dos Santos Travassos, agente técnico de engenharia, residente em Lisboa.

Retirou para Estoi, a passar as suas férias, a sr.ª D. Adelina Paula de Sousa, professora primária nesta vila.

Acompanhada de seu esposo e filho, encontra-se entre nós a nossa prezada assinante, sr.ª D. Dina Guerreiro Arroje.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção o nosso estimado amigo e prezado colaborador sr. Manuel dos Santos Cabanas, que se encontra a passar as férias na sua propriedade em Vila Nova de Cacela.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o sr. Américo Salas Medeiros, nosso prezado assinante, residente em Lisboa.

De visita a sua família, encontra-se entre nós o sr. eng. João Eusébio Damasceno Botequilha.

Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e colaborador, sr. capitão António Gonçalves.

De visita a sua família e em gozo de férias, encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa e filho, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Quintino Romão, residente em Faro.

A passar as férias nesta vila, encontra-se em casa de sua família a menina Maria Diamantina Fernandes Leiria, filha do nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Maglório Flores Leiria.

Encontra-se a veranejar em Monte Gordo, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e ilustre comprovinciano sr. dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, juiz-conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Com sua esposa e filhos, encontra-se nesta vila a passar a época balnear, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Armando Celorico Drago, residente em Lisboa.

Com curta demora, esteve no Algarve, de visita à Praia da Rocha e Caldas de Monchique, o nosso prezado amigo e assinante em São Tiago de Cacém, sr. José António Sales Madeira, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, naquela vila.

Encontra-se a passar o verão na praia de Albufeira, com sua esposa e filhos, o nosso querido amigo e prezado assinante em Loulé, sr. Gervásio António Santos.

Com sua mãe, sr.ª D. Maria da Conceição de Moura Lino e Freire de Medeiros, encontra-se na Figueira da Foz o nosso prezado amigo, sr. eng. Jorge Manuel Freire Medeiros.

De visita a sua família, encontra-se a passar algum tempo no Barreiro a sr.ª D. Maria de Lourdes Viegas Gomes, gentil filha do nosso prezado assinante sr. José do Nascimento Gomes.

Encontra-se a veranejar em Vila Nova de Cacela o nosso prezado assinante sr. Filipe Pereira Ratinho, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa e filhas, encontra-se a férias em casa de seus pais, nesta vila, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. dr. José Domingues Gutierrez Medeiros, distinto professor na capital.

Partiu para a sua quinta, em Alcantarilha, a sr.ª D. Antónia Viegas Rosa, que ali passará a estação calorosa acompanhada da sua neta, D. Maria Manuel Martins Rosa.

Regressou de Lisboa a sr.ª D. Francisca Pereira Domingues, esposa do nosso amigo sr. Norberto Bento Domingues, industrial nesta vila.

Concluiu o curso dos liceus com alta classificação que a dispensa do exame de admissão à Faculdade de Ciências, onde vai matricular-se, a menina Maria do Carmo

# CALENDÁRIO JULHO

Praias regurgitando, um calor de rachar, tempo entre agreste e brando, um tempo irregular com ventos mas sem chuva, e Julho entra em acção, abrindo, finalmente, a quadra de verão.

A época calma é curta, muitas vezes, este ano, por sinal, deve ter só três meses; gozêmo-los então: Monte Gordo? Arenilha? Qualquer dos dois locais nos serve à maravilha!

Para ir a Arenilha, há a moderna estrada, grande empreendimento, a pôr fim à maçada do antigo passeio, por pedras e areia, bem mais de arrelhar se estava a maré cheia...

Seguimos pela estrada, em domingo dia, dispostos a encher os olhos de alegria, escapando ao rigor de uma tarde estival, na frescura do rio, à sombra do pinhal.

Antes de nós, porém, muita gente pacata fora também tentar a distração barata; encontrámos ali Vila Real inteira, procurando esquecer a forte soalheira.

Um cesto recheado, um garrafão com vinho, eis do esquecimento andado meio caminho; vazam-se garrações, e vários dos pacatos tornam-se foliões, ou cantores inatos!...

O pessoal mais novo, o de estrutura atlética, vagueia junto ao mar, mostrando a sua estética, ou nada com vigor, ou pontapeia a bola, com ares de entendido em tão nóvel escola...

Navega-se em canoa, ou à vela ou a remos, e até um escalor do Náutico ali vemos a provar que o «defunto» ainda não morreu, continua rijote e novo «estício» deu...

A praia, em seu conjunto, é, realmente, bela (pudéssemos passar uns quinze dias nela!), é pena a sujidade: a lama, na vazante, alia à cor escura um cheiro nauseante.

Mesmo à beira do rio, abunda o cascabelho, cortando, como vidro, a quem vai no «embrulho»; se não conhece o piso, o incauto banhista arrisca-se a ficar com algum osso à vista...

Se a coisa assim prossegue, adeus praia da Vila, bonita, arborizada, amena e mui tranquila; e escomungado seja o vasto lamaçal que lhe causa, decerto, o dano principal.

À magna Monte Gordo iremos em Agosto, ver se aquilo por lá tem jeito, anda bem posto; — piscina, rink, hotel, ó sonhos necessários, sereis realidade, após os balneários?

E. DE CASSIM

da Costa Aleixo, filha do nosso estimado amigo e assinante sr. Francisco Medeiros Aleixo e da sr.ª D. Adelina Costa Aleixo.

### Nascimento

Em Cabinda, onde reside, deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria do Carmo Davin Lyster Franco David, esposa do sr. João Domingos Fernandes David, funcionário administrativo e proprietário em Angola, e filha do sr. dr. Mário Lyster Franco, director do nosso prezado colega «Correio do Sul».

Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

### Casamento

Em Lisboa, na Igreja dos Santos Apóstolos, propriedade dos tios da noiva, realizou-se, no passado dia 4, com toda a solenidade, a cerimónia do casamento da distinta arquitecta sr.ª D. Maria Leonor Delgado da Silva Fernandes, gentil filha da sr.ª D. Ilda Aurora Baptista Delgado da Silva Fernandes e do sr. tenente-coronel engenheiro Teodoro Alves Fernandes, com o também distinto arquitecto sr. Gonçalo Augusto Davim Barbosa Lyster Franco, filho da sr.ª D. Silvina Águeda Rodrigues Davim Lyster Franco e do sr. dr. Mário Lyster Franco, director do nosso prezado colega «Correio do Sul».

Foi celebrante o capelão da casa, rev. sr. P. dr. Angelino Barreto, acolitado pelo nosso comprovinciano rev. sr. P. dr. Sezinando de Oliveira Rosa, ilustre Secretário Geral da Acção Católica e amigo da família do noivo, e serviram de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia, que decorreu com grande brilhantismo, foi oferecido pelos pais da noiva, numa das salas do Grupo de Beneficência «A Caridade», de que faz parte a referida igreja, um finíssimo «lunch», fornecido pela Pastelaria Marques.

Na «corbeille» dos noivos viam-se prendas de grande valor e do mais fino gosto e assistiram ao acto cerca de centena e meia de convidados, entre os quais vários elementos repre-

## PRAIAS DE MONTE GORDO CASINO OCEANO

Em continuação das festas, que se têm vindo realizando desde a sua abertura, a empresa do Casino Oceano apresenta no próximo Sábado, dia 18, em estreia a célebre fadista e conhecida artista de cinema Deolinda Rodrigues, acompanhada dos seus guitarristas privativos.

Inicia o espectáculo de variedades, o artista imitador Joséca O baile será abrilhantado pelo conjunto musical Fernando d'Albuquerque, que muito tem sido apreciado pela numerosa colónia balnear desta encantadora Praia Algarvia.

## Papel Vegetal

Vende, como em Lisboa, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92 — Vila Real de Santo António.

representativos da colónia algarvia na capital.

Sua Santidade o Papa Pio XII dignou-se enviar aos noivos a Bênção Papal e durante a cerimónia foram recebidos muitos telegramas de vários pontos do País.

O novo casal, a que desejamos as venturas, seguiu em viagem de núpcias para uma estância dos arredores de Lisboa encontrando-se passando uma temporada na Praia da Rocha, fixando depois a sua residência na capital.

### Doentes

Tem estado incomodada de saúde a sr.ª D. Maria Cecília Alves Nunes Couraça.

Encontra-se pior dos seus padecimentos o nosso prezado amigo e colaborador sr. Fernando Morais Rodrigues. A todos desejamos boas me-lhoras.

## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Feira da Boa-Morte

Realizou-se, no passado dia 1 do corrente, esta feira anual, que costuma atrair a esta cidade grande número de forasteiros e onde se fazem transacções de importância. Mais uma vez chamamos a atenção da Ex.ª Câmara para a conveniência de mandar arranjar devidamente o local onde se realizam as feiras, que precisa muito de reparação, a fim de acabar com a poeira e as pedras que abundam no pavimento, o que muito prejudica o público. E' uma questão de boa-vontade, e mãos à obra, para se acabar com a poeira e com as pedras. A luz eléctrica, este ano, estava uma calamidade, pois mal se via andar, dando a ideia de um arraial iluminado a azeite (!).

#### Concertos musicais

A nossa terra, de grandes tradições musicais, onde todos os anos pelo verão havia concertos às quintas e domingos, passou agora a marcar passo, pois somente às segundas-feiras se ouve música, e nem sempre.

Informações colhidas dizem que a razão de tal falta se deve ao facto de, aos domingos, alguns músicos terem de tocar em orquestras, e outras vezes o maestro ter outros compromissos e não poder reger a banda. Lamentamos tais casos e fazemos votos para que os mesmos sejam remedeados.

#### Casas para pobres

Em algumas terras da nossa província tem sido construídas casas para pobres. Tavira, cidade que bem precisa das mesmas, ainda não teve esse privilégio, o que é lamentável. Mas, como para grandes males grandes remédios, sugerimos que quem de direito mande arranjar e reparar o Bairro Jara, não deixando perder o que ainda se pode evitar, e assim, em parte, fica o assunto remediado. — C.

## FALECIMENTO

Menino António Nuno Garcia Falcão Machado

Na Quinta da Conceição, em Setúbal, residência de seus pais, faleceu no dia 19 do mês passado, o menino António Nuno Garcia Falcão Machado, de 3 anos de idade, filho da sr.ª D. Maria Ana de Cabedo Garcia Falcão Machado e do nosso querido amigo, ilustre professor e jornalista, sr. dr. Fernando Falcão Machado, distinto director do nosso prezado colega «Gazeta Setubalense».

O «Notícias do Algarve» apresenta aos desolados pais da desditosa criança a expressão sincera das suas condolências.

## EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República — Telefone 12



## Agradecimento Helena Gomes Toledo

Seus filhos, noras e netos e mais família na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que acompanharam o seu funeral e manifestaram por qualquer forma o seu pesar, agradecem por este meio todas as manifestações de interesse e de simpatia recebidas.

O «Notícias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

### ODELEITE

#### Os temporais de Outubro

Ainda estão bem vivos na lembrança de todos os destroços causados pelos temporais de Outubro, do ano transacto. Muitos barrancos ficaram destruídos, mudando o seu curso. Neste caso está o barranco do Cadava.

Os proprietários confinantes com o mesmo, por negligência ou algo parecido, ainda o não desobstruíram de forma a retomar o curso antigo. Uns mostram-se indiferentes, por terem muito; outros, os menos abastados, nada podem fazer isolados, porque resulta inútil qualquer trabalho que se faça. A época das chuvas aproxima-se, e enquanto uns vão sendo prejudicados com o novo curso do barranco, outros vão aproveitando o leito antigo em sementeira.

Pede-se a quem de direito o favor de ordenar aos proprietários a regularização do referido barranco.

O que mais admira é que um destes proprietários seja empregado da Hidráulica do Guadiana, e não dê o exemplo, na parte que lhes corresponde.

Temos conhecimento de que alguém se dirigiu, por escrito, à Hidráulica do Guadiana, sem que até agora tivesse qualquer notícia. No mesmo sentido, mas sobre o barranco do Zimbral, se nos dirigiu o sr. Filipe Luís Madeira. Confiados em que o organismo que superintende em casos desta natureza se pronunciará, aguardamos.

#### Notícias Pessoais

Em gozo de férias, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. António Rodrigues Estêvão, digno professor de instrução primária em Ferreiras (Albufeira).

Acompanhado de sua esposa e filho, vimos nesta aldeia o sr. Alfredo Barão, de Vila Real de Santo António.

Também tivemos o prazer de cumprimentar, nesta localidade, o sr. Francisco Vicente Cavaco, da G. Fiscal.

Em serviço profissional, vimos nesta aldeia o sr. Manuel Rodrigues, dentista, também de Vila Real de Santo António.

Na residência de seus pais, em Amoreira, desta freguesia, está a passar umas bem merecidas férias o nosso familiar e amigo sr. Alberto Afonso Cavaco, aluno do Instituto Industrial, em Lisboa.

Também cumprimentámos nesta aldeia o sr. José Madeira, alfaiate, a quem recentemente foi passado o diploma de corte.

Bastante doente e já em idade avançada, seguiu para Vila Real de Santo António, para casa de seu filho, sr. Lino Xavier Esteves, chefe de conservação da J. A. E., a sr.ª D. Francisca Vaz Palma Xavier. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

#### Aniversários

Em 30 de Julho e 3 de Agosto corrente, fizeram anos, respectivamente, os srs. António A. Cavaco e António Rodrigues Estêvão. Os nossos parabéns.



## MISSA

Felizardo Correia Dourado

Mandada dizer por sua família, reza-se no próximo dia 17 de Agosto corrente, às 9 horas da manhã, na Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, uma missa pelo eterno descanso do saudoso extinto.

Agradece-se a comparação das pessoas amigas do falecido.

## OFERECE-SE

Empregado de Escritório

Com o Curso Comercial, longa prática de contabilidade Comercial e dactilografia, sabendo francês e Estelionografia, e com alguns conhecimentos de contabilidade Industrial e Agro-Pecuária. Dá referências.

Resposta a este jornal ao n.º 54.

## AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 4 a 10 de Agosto:

TRAINEIRAS	
Maria Rosa . . . . .	116.317\$00
Brisa . . . . .	106.214\$00
Flor do Sul . . . . .	59.120\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	54.045\$00
Rajada . . . . .	53.140\$00
Levante . . . . .	47.950\$00
Pingim . . . . .	43.630\$00
São Torquato . . . . .	42.265\$00
Audaz . . . . .	40.550\$00
Mogador . . . . .	38.540\$00
Liberta . . . . .	38.195\$00
Leste . . . . .	36.635\$00
Sul . . . . .	36.540\$00
Ramira . . . . .	35.330\$00
Malaca . . . . .	33.780\$00
Triunfante . . . . .	32.990\$00
Tufão . . . . .	32.935\$00
Conceição . . . . .	32.180\$00
Janita . . . . .	29.670\$00
Infante . . . . .	22.370\$00
Tóluís . . . . .	21.800\$00
Norte . . . . .	20.725\$00
Flor do Guadiana . . . . .	20.085\$00
Lenita . . . . .	18.690\$00
Sol Nascente . . . . .	18.610\$00
Agadão . . . . .	12.520\$00
Deolinda Rita . . . . .	11.850\$00
Tozé . . . . .	9.210\$00
Sete Estrelas . . . . .	5.040\$00
Raulito . . . . .	3.495\$00
Total . . . . .	1.074.421\$00

#### CERCO

Amazona . . . . . 6.970\$00

Atum da costa Algarvia	
811 Atuns . . . . .	745.533\$40
85 Atuarros . . . . .	52.391\$60
25 Albacoras . . . . .	13.580\$00
5 Cachorretas . . . . .	3.166\$70
Total . . . . .	814.671\$70

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 4 a 10 de Agosto:

#### Entrados:

GOLFINHO, Rebocador Português e o Batelão «Paredes», de 261 ton., de Lisboa, vazio.
RUHRORT, Alemão, de 1.805 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
PENERF, Francês, de 1.384 ton., de Nantes, com folha de flandres.
MARIAECK, Alemão, de 1.294 ton., de Antuérpia, com folha de flandres.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.

#### Saídos:

COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.
GOLFINHO, Rebocador Português e o Batelão «Paredes», para o Porto, com entofre.
RUHRORT, Alemão, para Roterdão, Hamburgo e Bremen, com alfarroba, conservas e cortiça.
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
PENERF, Francês, para Casablanca, com carga em trânsito.
MARIAEK, Alemão, para Hamburgo, com cortiça.
COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

#### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 11 a 17 de Agosto, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito - Telefone 31.

## QUIOSQUE

Trespasa-se ou vende-se, na Avenida da República, desta vila. Tratar com a proprietária.

## PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...



O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

# DIA DE CHUVA

**M**ÃE! O grito irrompeu alegre, vivo, espontâneo. E o rosto do rapaz iluminou-se por essa súbita alegria, um clarão de felicidade, o olhar habitualmente apagado ganhou intenso brilho. Mãe! Ela estava na sua frente, um pouco curvada, o rosto molhado da chuva que caía toda a manhã, um rosto magro, ósseo, quase duro, e os olhos castanhos, imobilizados num olhar que dir-se-ia não o ver. Vem toda encharcada, mãe! Deu-te a sua atenção no chail humedecido da chuva, nos cabelos molhados e colados à testa e, só então, deu conta da densa poalha que se espalhava por todo o campo e tornava a manhã cinzenta e triste. E os seus olhos ao descerem até ao vulto da mulher tinham perdido o brilho e reproduziam essa luz fosca, crepuscular, dos dias de chuva. — Era melhor não ter vindo, devia ter escolhido um dia melhor, um dia de sol. E caminhou de braços abertos, um sorriso débil, medroso, a apontar-lhe nos lábios. A mulher estendeu as mãos e disse: Bem sabes que não venho aqui por gosto, bem sabes que as minhas pernas já não estão para aguentar caminhadas. Isto fica nos infernos, uma mulher como tua mãe já se não atreve por estes caminhos, e agora só se sente bem com os pés ao borralho ou na cama. Sentimentos confusos e contraditórios digladiavam-se no seu íntimo; sentia-se, por um lado, presa àquele filho e, no entanto, alguma coisa contrariava a expansão da sua ternura e afecto.

Viera decidida a contar-lhe tudo em poucas palavras, a não perder tempo com rodeios, incumbindo-se duma missão que não lhe era agradável. Mas agora, ao vê-lo na sua frente, ao sabê-lo fraco, a conversa tomava rumo diferente. E as perguntas de Luís afluíam, era um rosário infundável, a que ela respondia duma maneira ríspida, fria. — Por lá andavam todos, os irmãos, os garotos, todos estavam bem, quase nem tinham tempo para se lembrarem dele e a ele devia acontecer o mesmo. Era a vida, a lei da vida. Tu é que para aqui te encafuaste neste canto, quase vives como os bichos, nem queres saber da tua gente. Então ele protestou: Mas a mãe é que nos esqueceu, a mãe nunca quis saber de nós, nunca aqui veio. — Tu sabes como é a minha vida, depois, estou trôpega, o reumático quase não me deixa sair de casa, tu sabes como é a minha vida. Olha, olha para mim, estou um cangalho velho, já não valho um caracol! Mãe! A gente devia esquecer certas coisas do passado; não entendo muito bem como as pessoas não podem esquecer certas coisas, era bom que todos nos dessemos bem. Todos me desprezaram. Ideias, filhol! Ninguém te desprezou, censuraram-te, isto sim, censuraram-te! Agora era a voz de Luís que se impunha, uma voz cheia de calor, de esperança, uma voz que transbordava de vida: Os outros mordem-se de inveja, eu sei, os outros andam para aí a curtir invejas só porque vêem que a vida me corre bem, que não devo tóstão, que a fome não me mete medo. Olhe, mãe, olhe esse campo, e diga lá, diga se isto fica nos fins do

inferno? Estava a estranhar aquele alvoroço do filho, mas bem sabia que todo o entusiasmo durava pouco, era como as labaredas das giestas e caruma.

Ele, apesar de tudo, era o ser débil, frágil que sempre conhecera. Nunca se enganara. E por sabê-lo assim fraco e doente, deralhe mais amizade que aos irmãos, tributara-lhe mais afecto que aos outros. Todas as guloseimas, todo o dinheiro que azejava longe dos olhos do pai, iam para o seu Luís. Depois, viera o rompimento, o abismo que cavara entre aquele filho e a família uma longa separação. Mas o afecto não morrera.

— Veja, mãe, veja esse campo; se a mãe o visse pelo S. João! Alegravam-se os olhos de Luís e o seu olhar corria numa volúpia, acariciando a erva que se acamava sobre o dorso da terra. Vamos lá para dentro — gritou subitamente, Venha aquecer-se, mãe! Empurrou o postigo e a velha seguiu-o, num passo indeciso, contrariado.

Ficou espedada à entrada da cozinha, os olhos iam observando as painéis de ferro negras, sujas, caruma espalhada pelo soalho, uma vasoura de giestas a um canto, e tudo o que via lhe dava a sensação de abandono e desleixo. Espevitou o lume, a chama avivou-se, o rosto da velha denunciava cansaço, sofrimento. Uma prega mais vincada a contrair-lhe o lábio dava-lhe uma expressão de sofrimento. Por momentos calaram-se e os seus pensamentos vogaram por caminhos diferentes. O calor da lareira dispunha-os à sonolência.

A chuva continuava a cair. Era uma teia fina de água que o sopro ligeiro do vento açoitava e os pinheiros, como vultos estáticos e perfilados, quase se apagavam, dir-se-iam irreais na névoa. — Que ideia foi essa, mãe, que ideia a sua de escolher um tão mau dia para nos visitar? Como estou contente. Ela mal ouvia as palavras do filho. Enredara-se nas suas cogitações, novamente a assaltavam sentimentos contraditórios. Nunca na vida as suas ideias a tinham traído. Tudo batera certo, tudo acontecia como ela pensava, infelizmente, tudo certo. Bastava pensar numa coisa e o tempo, a vida, dava-lhe sempre razão. Opusera-se ao casamento do filho, mas opusera-se duma maneira débil, convencida de que ela não poderia contrariar o destino. E razões, motivos para duvidar da rapariga, não os possuía. Duma coisa estivera sempre certa: tal mulher não convinha ao filho. Gritara-lhe isto, gritara-lhe isto uma única vez, mas ao exigirem-lhe explicações, ela fechara a boca, porque, na verdade, ela nada tinha a explicar. Ergueu os olhos e era como se a névoa que caía lá fora os tivesse inundado de água. Inspeccionou detidamente a cozinha, os seus olhos detiveram-se nas painéis negras de porcaria, na caruma espalhada pelo soalho.

— Mãe, mãe, ainda não me perguntou por Madalena! Ela voltou o rosto para o filho, notou que os lábios tremiam, viu-o novamente criança, viu-o fraco, desamparado, infeliz.

Subitamente, ergueu-se. O rosto da velha surgiu

mais pisado, os olhos castanhos, pequenos, tinham agora um brilho intenso, doloroso. — Mãe, está doente? E os olhos encontraram-se num olhar de ternura, de afecto. Mãe, que aconteceu? Viera decidido a contar-lhe tudo, em poucas palavras. Mãe, diga, está doente. Era uma voz que implorava, a voz que sempre conhecera no seu filho, uma voz de ser doente que apela continuamente por auxílio. Os rostos quase se tocavam. Mãe, fique aqui, eu e Madalena trataremos da mãe, a mãe vai saber que Madalena é muito sua amiga. Vamos, todos dar-nos muito bem, a Madalena é muito sua amiga. Ela, se soubesse da sua visita, não teria ido ao mercado. Ainda hoje, de manhã, eu contei a Madalena como a mãe passou a noite quando me queimei com a bomba do foguete. Lembra-se? Eu só descansava quando a mãe soprava os meus dedos queimados. Passou toda a noite ao meu lado, paciência a sua! Lembra-se, mãe? Mas o rosto da velha continuava imóvel, dir-se-ia hirto, imperturbável a qualquer emoção. Era um rosto parado, frio, distante. Mãe, que aconteceu? Vá, diga, não é verdade que vamos viver todos aqui, que nos vamos dar todos muito bem? Não é verdade, mãe? Vá, que aconteceu? Está doente, mãe? Oh! mãe, mãe... diga, olhe que eu dou em doido. Mas que aconteceu, porque veio hoje, porque não esperou que a chuva parasse, porque só hoje resolveu vir aqui. Mãe, deixe de olhar para a cozinha, está tudo desarrumado, mas quando Madalena chegar ela vai pôr tudo no seu lugar. Mãe, está doente? A velha caíra amarfanhada no banco, tapara o rosto com o chail, soluços incontidos e desesperados agitavam-na. Mãe, isto não pode ser, o que lhe disseram são zovineirices, não mãe, isto tudo é impossível, Madalena não é essa mulher de que falam, Madalena... Suspendera as mãos nervosas nos ombros da velha, e sacudia-lhe o corpo frágil, esforçava-se por encontrar-lhe o olhar, mas os olhos da mãe enterravam-se na cinza da lareira e só o seu rosto oscilava no mesmo movimento, no mesmo movimento imperturbável e duro, a quebrar todas as frágeis dúvidas que se levantavam ainda no espírito do filho.

## VENDA DE PROPRIEDADES de Manuel Bravo Gomes

Vende todas as suas propriedades, confinantes com a Junta Autónoma das Estradas do Distrito de Faro:

Quinta das Cevadeiras, Quinta do Monte Tamissa, e Courelas no concelho de Vila Real de Santo António e Arcoadilha no concelho de Castro Marim.

Esta venda é feita por motivo de desejar comprar outras propriedades que não confrontem com a mencionada Junta Autónoma das Estradas do Distrito de Faro.

Quem pretender dirigir-se ao seu proprietário, em Vila Nova de Cacela ou em Vila Real de Santo António.

## CONTA GOTAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

na e tão insignificante que nós ficamos quase com receio de escrever «Isabel» com maiúscula. Conheci-a na camioneta.

— Posso-me sentar ao pé de você?

— Você? Seria com ela? Com certeza não seria; em todo o caso, sem uma palavra, chegou-se mais para a janela, pôs até o bracinho de fora.

— Aonde é que vai?

— Levar o comer ao pai.

— O que faz o pai?

— É carpinteiro, na vila Moura.

— O que é que leva aí?

— É sopa e pão e vinho.

— Mais quê?

Uma pausa. Dois olhos a avaliar se falo sério ou se sou malquinha. Finalmente, resolve-se a falar:

— Mais nada...

Como se dissesse: Sua palermal! O que é que queria que fosse mais?

— Você já comeu, Isabelinha?

— Como mais logo.

Valeu hoje a pena, o passeio. Estou deitada no pinhal, os meus olhos estão fechados como um abraço em redor do corpinho magro da Isabel. A Isabel... Uma menina mais para o nosso grupo, valeu?

**Meu menino**

Caçador furtivo, de oito anos. Armado de fisga. Terrível arma. Um olho fechado, outro meio consumido numa risquinha de luz, os dois elásticos estendem-se, contraem-se, e uma avezinha morta, a meus pés. Um pardal mourisco. Um pardalico de coração tão miúdo como o seixo que o vitimou.

Ao princípio, não entendi. Confesso. A vida cada vez me inibe mais para aceitar o mal. Ele, teimoso, a meter-se-me continuamente pelos olhos dentro, e eu não senhora, tapadinha de todo. Rude por nascimento. Confesso. Não entendi que a fisga inocente fosse capaz de outra coisa além de brincar. Poderia ter impedido. Sacudido o rapaz. Dar-lhe ali uma coarajosa, preventiva lição de moral. Teria chamado o caçador ranhoso para junto de mim, tê-lo-ia distraído... Se eu medisse o poder de uma fisga, a ave não estaria aqui, a meus pés, morta.

Olho para o caçador à minha frente. É baixo, magrinho. Estilhaçado de arestas como a pedra arrancada a dinamite. É espinhoso e seco. Trae uns calções azuis com fundilhos brancos. O pé direito não assenta todo no chão. Picou-se no calcanhar. Anda aos pulinhos, aos trancos. Mas com que velocidade! Vejo-o meter o passarinho no bolso, parece que vou ser duro para ele. Pelo menos os meus olhos, nesse instante, pesam como chumbo. Palavras estranhas sobem-me aos lábios. Rapasola, garotão... Oh, um instante só! Reparo melhor na carinha chupada e digo para mim mesma; meu menino... O mundo é mau para ti, tu és mau para os passarinhos. Ter pena das aves? Sim. Mas, primeiro, ter pena de ti. Meu menino.

**Não sei. Sei que...**

Não sei se repararam já, Sim, o tempo. Ora quente, ora frio. Sol abrasador, num dia; a chover, no outro...

Quando as pessoas não têm nada para dizer, falam do tempo. Mas não é este o caso. Tenho muitas cousas, oh, muitas, um coração cheio delas, para lhes contar. Se falo do tempo, é só para dizer que a criada do rés-do-chão da minha casa, a Virginia, a respeito do tempo, diz para o padeiro:

— Sabe do que é isto? É das bombas atómicas. Deitam-nas a torto e a direito, e depois as nascentes ficam todas erradas.

Não sei se é, ou se não, da bomba atómica. Não sei. Mas o senhor Miguel, que faz, quando o reumático deixa, uns biscates de pedreiro, também vai na mesma opinião: a bomba atómica anda a fazer das suas...

Agosto. O tempo escureceu. Chuva, negra e viscosa, como se rompesse de um coração cheio de remorsos, despenha-se na terra. O povo diz: é da bomba atómica... Não sei se é, se não é. Não sei. Sei que o povo medita e acusa a bomba atómica. O maravilhoso século este, em que o «povo miúdo» avalia tão graves problemas!

Maria Manuela Nunes

## SERVIÇO

Precisa-se, para tratar de pessoa de idade e serviço de casa. Nesta redacção se informa.

## TÊNIS

### NA PRAIA DA ROCHA

### VII TORNEIO OFICIAL DE TÊNIS

Por iniciativa do Clube de Tênis da Praia da Rocha, disputa-se nos próximos dias 17, 18 e 19, na bela e sempre encantadora praia, o VII Torneio Oficial de Tênis para disputa das taças «Câmara Municipal de Portimão», «Comissão Municipal de Turismo», «Sica», «Casa Feu», «Grande Hotel da Rocha», «Hotel Bela Vista», «Pensão Sol», «Bouhon & Irmão, Lda.», «Companhia de Seguros Ourique», «Siral», «Sofal», «Alberto José d'Almeida», «Ourivesaria Leal», «Ourivesaria Catarino», «Cónsul de Espanha», etc. e bem assim um «Aro de raquete Slazenger Power Game» gentilmente oferecida pela firma C. Santos, Lda.

As inscrições podem ainda fazer-se no Clube de Tênis da Praia da Rocha até às 22,30 horas do dia 16. O sorteio efectuar-se-á no Casino da Praia da Rocha pelas 23 horas do dia 16.

Este torneio constituirá, como de costume, uma brilhante jornada desportiva pelo elevado número de participantes e de trofeus em disputa e bem assim pela selecta assistência que se tem dignado acorrer aos belos courts de ténis para presenciar o desenrolar das partidas que, todos os anos, primam pelo seu desportivismo e valor técnico.

As inscrições podem ainda fazer-se no Clube de Tênis da Praia da Rocha até às 22,30 horas do dia 16. O sorteio efectuar-se-á no Casino da Praia da Rocha pelas 23 horas do dia 16.

Este torneio constituirá, como de costume, uma brilhante jornada desportiva pelo elevado número de participantes e de trofeus em disputa e bem assim pela selecta assistência que se tem dignado acorrer aos belos courts de ténis para presenciar o desenrolar das partidas que, todos os anos, primam pelo seu desportivismo e valor técnico.

## Mocidade Portuguesa REMO

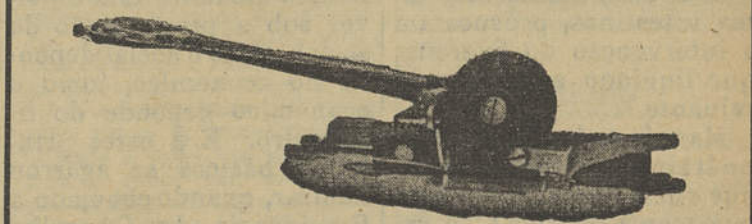
Para tomar parte nas celebrações do Dia do Centro da M. P. de Portimão, deslocou-se àquela cidade sotaventina uma tripulação do Centro Especial de Remo da M. P. desta vila, em «Yole» de quatro.

## VAI A LISBOA?

Hospede-se na **PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL**  
Não encontra melhor - Só dormidas - Ambiente regional  
— Água quente e fria em todos os quartos —  
**SERIEDADE ABSOLUTA**  
Rossio, 59-3.º Esq. — LISBOA — Telefone 22511

**SIM...**  
Deseja comprar V. Ex.ª lindas ofertas em **VIDRO ou LOUÇA «VISTA ALEGRE»** não pagando luxo?  
VISITE A **MERCEARIA NOVA**  
DE **JOSÉ BENTO DE SOUSA e FILHO**  
RUA BARÃO DO RIO ZÉZERE, 19  
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

## MÁQUINAS DE ARAMAR



Vendem: **ILIDIO PANINHO, LDA.** - Setúbal

V. Ex.ª val a Évora?  
Visite a **PENSÃO POLIGARPO**. Confortáveis quartos. Águas correntes quentes e frias no 1.º andar. Excelente serviço de mesa. Recolha privativa de Garros  
Rua Freiria de Baixo, 16 Rua Conde da Serra, 9, 11  
TELEFONE 2424 **ÉVORA**

**Clinica de Santo António**  
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)  
sob a Direcção Clínica do **Dr. Albano de Lencastre**  
Rua Guilherme Gomes Fernandes  
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

## HOMENAGEM

### ao dr. João Dias

A comissão encarregada de angariar fundos para a construção, na vila de Alcoutim, de um busto ao saudoso benemérito dr. João Dias, agradece reconhecidamente a entrada de mais os seguintes donativos:

Transporte . . . . .	26.211\$50
Empresa Rodoviária do Sotavento do Algarve	1.000\$00
Empregados da Rodoviária da Zona do Algarve . . . . .	747\$50
Empregados da Rodoviária e da EVA da Zona de Beja . . . . .	429\$50
Empregados de Escritório da Rodoviária . . . . .	350\$00
Empregados das oficinas da Rodoviária . . . . .	62\$50
Manuel Anastácio Josefa . . . . .	50\$00
Dr. António Ladislau Parreira Rocha . . . . .	500\$00
A transportar . . . . .	29.351\$00

Mais agradece a referida Comissão que qualquer donativo para o fim em vista seja enviado, o mais breve possível, para o presidente da Câmara, comandante do Posto da G. N. R. ou provedor da Misericórdia.

## Caseiro ou Arrendatário

Precisa-se, para a Corte Velha do Guadiana. Consta de terras de semear, logradouros para criação de gados, arvoredo diverso, casas e mais acomodações, etc.  
Tratar, durante o mês de Agosto, em Castro Marim, com Joaquim Vaz Palma.

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

NA continuação dos trabalhos de embelezamento da avenida marginal, mandou o Município ali colocar mais oito candeeiros de luz fluorescente, de tipo idêntico aos que já se encontravam instalados naquela artéria, e que são dos mais modernos utilizados na iluminação pública.

CHAMAMOS a atenção do pessoal para a limpeza para o estalado de falta de asseio que se observa na rua Teófilo Braga, principalmente junto do Mercado 1.º de Maio, e que está a pedir a intervenção eficaz da vassoura e da agulheta dos respectivos Serviços.

**Uma crónica por semana**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nosso exército poderá, facilmente, tomar medidas adequadas, pelo menos passando pela feira os nossos soldados destinados a Macau, se é que nas nossas outras províncias ultramarinas o exemplo se não repete.

Estamos certos de que Carvalho e Régio continuará a dar-nos, através das suas curiosas e excelentes *Cartas de Longe*, muitas lições que parte de nós procurará aproveitar.

José dos Santos Marques

**TEATRO NACIONAL POPULAR**

Esteve nesta vila, onde deu dois espectáculos, nos dias 10 e 11 do corrente, o Teatro Nacional Popular, que esteve instalado ao ar livre, na Avenida da República.

Do agrupamento artístico fazem parte os conhecidos artistas da cena: mestre Francisco Ribeiro, Gina Santos, Lígia Telles, Maria José, Lina de Moura, Armando Cortez, Carlos Duarte, Carlos Walenstein, Costa Ferreira, Curado Ribeiro, Fernando Gusmão, José de Castro e Rui de Carvalho.

As representações agradaram bastante pelo excelente desempenho, ótima encenação e vistoso guarda-roupa.

**UNIDADE NACIONAL**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

meiras linhas férreas. Este período de relativa acalmia política durou pouco. Os últimos anos da Monarquia foram marcados por tremenda agitação política. E foram afinal os partidos monárquicos que tornaram possível o triunfo da República, do mesmo modo que os partidos republicanos, com as suas incessantes lutas intestinas, provocaram a intervenção do Exército, que liquidou a demagogia reinante.

Mas afastados os partidos políticos da governação, que rumo seguir no campo puramente político? A este respeito a confusão era quase geral.

Chamado à gerência das Finanças em 1928, Salazar operou aí uma revolução de carácter puramente administrativo. Isto deu-lhe a autoridade suficiente para pronunciar, em 30 de Julho de 1930, o seu famoso discurso em que definiu as linhas gerais dum novo arranjo social.

Não há soluções políticas perfeitas e definitivas porque carecidas sempre de correcções sucessivas. Não há sistemas sociais eternos — é uma frase de Salazar, que também confessou não ser um improvisador de sistemas sociais. A antiga designação de política da esquerda ou da direita foi ultrapassada pelos acontecimentos, sobretudo a partir da guerra de 1914-1918 e da revolução russa, dolorosa mas necessária experiência que, como hoje se pode ver, leva ao naufrágio certo

**Noticias do Algarve**

SEMANARIO REGIONALISTA

**ITINERÁRIO DE UM PASSEIO À SUÍÇA**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

de 1947, não resisti, logo ao intervalo, à ideia de ir conhecer e felicitar pessoalmente o insigne Ansermet, autêntico gentilhomen de refinada elegância de espírito e de cultura, já meu bem conhecido da sua valiosa colaboração em *La Revue Musicale, de Paris*, para onde, a pedido do ilustre dr. Henry Prunières, seu director, eu mandara as notícias do panorama musical lusitano, que lá figurava, na redacção francesa, da minha lavra também, nos números de Novembro-1924, Maio-1925, Fevereiro-1926 e Novembro-1927 — (informação que dou aqui unicamente porque pode interessar a algum curioso destas ninharias...)

Acolheu-me gentilmente Ansermet, pedindo-lhe eu desculpa do atrevimento e dizendo-lhe que era médico de meu officio, português, agora ali pelas jornadas de confraternização, mas músico também um pouco, compositor e musicólogo, colaborador de *La Revue Musicale*... Conversámos sobre Vivaldi, cujos curiosíssimos *Fantasi* acabáramos de admirar, maravilha de ressurreição pela qual vivamente o felicítava; e Ansermet, agradecendo-me, visivelmente sensibilizado, declarou-me que muito lhe agradara esta homenagem portuguesa, tanto mais quanto ele fora em Paris, na *Schola Cantorum*, de Vincent d'Indy, em regência de orquestra, discípulo de um grande mestre português, que muito venerara, Francisco de Lacerda, sobre o qual, por eu também o ter conhecido e admirado, trocámos ainda saudosas impressões.

Ao erudito Ansermet não quis eu deixar de mandar depois, de aqui de Olhão, o número de *O Lar do Médico*, expressamente elaborado para a distribuição aos jornalistas médicos suíços, e no qual se inserira, resumido em francês, com o auxílio do amigo dr. René Koech, o esboço que sobre a *Música em Portugal* eu fora convidado a escrever para o grosso volume *Portugal*, edição do S. N. I.

Voltando a Genebra depois deste banho lustral, pouco mais ali me detive, passados que estavam também já, desde a chegada em

21, os dias sacramentais do programa jornalístico durante os quais não deixara eu, evidentemente, de digressar por toda a cidade aquém e além do lago formoso, até à saída do Ródano, como a visitar (em 22) o pequeno museu substancioso, donde não quis deixar de trazer, como recordação, uma esplêndida reprodução a cores de *A pesca milagrosa*, do grande *Konrad Witz*, glória da pintura suíça, que ali se admira, bem como ainda a deambular pela catedral despojada e a conhecer a curiosidade notabilíssima que é a pequena igreja russa.

Recordarei outro caso feliz. Ao sairmos, em 23, da recepção oficial, dou de cara com um cartaz anunciando a *audição integral dos 6 concertos brandeburgueses de João Sebastião Bach*, por uma orquestra de câmara formada de músicos da Orquestra da *Suisse Romande*, em duas sessões, porém, a 20 e 23, com mais dois outros concertos do mesmo Bach, no programa, um para cravo, outro para violino!

Perdi pois a 1.ª, corro imediatamente a bilhetes para a 2.ª — a audiçãõ dessa noite — o que só me foi possível conseguir, no entanto, pelo feliz encontro casual com um rapaz que desistira por motivo imperioso. E foi desta forma insólita e inesperada que tive ensejo de escutar do grande Bach, nas melhores condições, no *Grand Théâtre de Genève*, os famosos concertos brandeburgueses n.ºs 4, 5 e 6 e mais o concerto em mi maior para violino e orquestra de cordas, a que a solista Jeanne Martzy soube dar um relevo especial. (O programa, que conservo, traz impresso na página final da capa, em genuína transcrição, o texto da carta em francês que acompanhara o envio dos seis concertos ao Margrave de Brandeburgo, carta assinada por Bach e datada de Coethen a 24 de Março de 1721, — excelente meio este de elucidação cultural.

Numa agência de viagens da rua do Monte Branco, adquirira eu num desses dias um *cartnet* com os bilhetes para a viagem circular económica que projectara, marcando, sobre a carta geográfica que me haviam posto diante, os pontos do país que desejava visitar. Óptima solução turística esta!

Para o último dia de Genebra, 26 de Maio, tivéramos, oferecido pela Nestlé, o passeio pela manhã, em autocarros, de Lausanne a Vevey, donde, após os cumprimentos de boas-vindas no magnífico edificio da sua exemplar *Pouponnière* (onde muito tivemos que aprender, decerto), regressámos, cada um com a sua artística grande caixa de uma centena de bombons de chocolate do melhor sabor...

Seguiu-se logo a excursão a Montreux e ao pitoresco castelo histórico de Chillon, com almoço volante ali, em perfeita camaradagem do melhor agrado.

Finda assim Genebra, eis a caravana agora a caminho de Basileia: eles logo nessa mesma tarde, de Lausanne, nós na manhã seguinte, de Genebra. E que eu queria parar pelo caminho, a visitar Neuchâtel, terra natal do amigo Spichinger, de Faro, que de mim dera já notícia a seu tio, cujo nome e direcção me escrevera, por sua letra, num papel qualquer que de ocasião tínhamos à mão, — credencial sufficientíssima entre pessoas que no plano espiritual teimam, jocosamente, em não complicar a vida com formalidades cerimoniosas perfeitamente vãs...

Olhão, 1 de Agosto de 1956.

Francisco Fernandes Lopes

**POEMA de uma noite de insónia**

por José dos Santos Marques

Sossego.  
Palavra vã,  
mais nada.  
Tudo fenece numa vida incerta,  
tudo desaba estrondosamente.  
As pedras esmigalham-se,  
podres.  
As paixões avassalam e matam.  
E o Homem continua só.  
Só, sem mais ninguém,  
sem mais nada.  
Tudo se perde,  
até os últimos sonhos  
— sonhos, sim —  
a vida é toda ela um sonho!

**Armação de Atum no sítio do Cabeço**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nas linhas de passagem mais ou menos conhecidas, enquanto, repetimos, os técnicos não derem por findos os seus estudos, é razoável que o sr. ministro da Marinha dê a sua concordância à velha e legítima aspiração da indústria de Vila Real de Santo António de lançar uma armação no Cabeço. Esta será apetrechada com os mais modernos materiais, lançá-la-ão técnicos valencianos e operará independentemente no Direito e no Revex.

Há grandes vantagens para a indústria e para a economia do País em fazer o lançamento da desejada e indispensável armação. E há vantagem porque saem do País todos os anos alguns milhares de contos para adquirir o atum de Direito indispensável à laboração das nossas fábricas, quando é certo que com uma moderna armação, lançada no local que se pretende, há soma enorme de probabilidades de dispensarmos o atum de importação e ainda de normalizar os preços desse peixe, que atinge valores incomportáveis para a indústria, a qual, em alguns anos, sofre prejuízos, como todos sabem. Ora para que a indústria de atum continue a interessar e não passe do mero devaneio que é presentemente, precisa ela de obter matéria prima abundante e a preço razoável. E isto só se conseguirá, até chegarmos à materialização das armações volantes, autorizando-se o lançamento da armação do Cabeço. Conviria também fazer-se novo ensaio do sistema norueguês, ensaio que afinal não chegou a realizar-se o ano passado em consequência de deficiências técnicas verificadas tardiamente e que já não havia tempo de remediar.

O que não pode ser é saírem anualmente deste concelho milhares de contos que vão favorecer economias estranhas, quando é certo que poderemos remediar tal inconveniente se não nos tolherem o passo. E não há dúvida de que é notório o interesse do Gabinete dos Estudos de Pesca por novas modalidades da arte de capturar o atum. Recorram a ele os nossos industriais e é possível que comece aí a solução de um problema que há muito foi resolvido pelos japoneses e pelos noruegueses. O que não podemos é continuar nesta pasmaceira, desperdiçando o tempo, enquanto os nossos vizinhos espanhóis e marroquinos fazem magníficas capturas de atum de Direito. — J.

**FESTAS de Nossa Senhora dos Mártires**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tendo lugar, às 10 horas, Missa de Comunhão Geral; às 13 horas: Missa solene, a quatro vozes, executada pelo Grupo Coral de São Brás de Alportel; às 20 horas: Majestosa Procissão, acompanhada pela Filarmónica de São Brás, que percorrerá o itinerário do costume. Ao recolher, o rev. dr. Henrique Ferreira da Silva, vice-reitor do Seminário de São José, de Faro, proferirá uma alocução; às 22,30 horas: Concerto pela referida Banda de São Brás, em coreto armado na praça 28 de Maio.

Tanto a praça 28 de Maio, como o edificio da igreja e ruas adjacentes estarão profusamente iluminados.

Segundo informação que nos é dada por entidade competente, os transportes para aquela vila, e regresso, estão devidamente assegurados, quer em camionetas de passageiros, quer pelos característicos tréns.

Visado pela Comissão de Censura

**ERVILHAS PARA SEMENTE**

Ervilhas (Griséus) de Albufeira, das melhores qualidades, seleccionadas, para semente.

Vende: Francisco Carmo de Jesus — Albufeira.

**A quem pertencerá a África no futuro?**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ca religiosa, muito orgulhosos dos seus diplomatas conquistados nas nossas universidades, mas azedados e hostis, mesmo perigosos para nós, pelo facto de se sentirem desligados do seu meio racial e mal admitidos no nosso. Não casam facilmente, porque as muçulmanas não os querem e as famílias ocidentais desconfiam deles. Têm, dentro de si, um orgulho surdo que, muitas vezes, se transforma em ódio contra o mundo ocidental. Os evoluídos tentarão, portanto, mediante algumas satisfações exteriores devidas ao tradicionalismo, arranjar boas situações políticas depois de tornarem conhecido o seu nome, animando o nacionalismo do seu país. Tornar-se-ão os «libertadores» dos seus compatriotas. Há, enfim, os reformistas, que, são, ao contrário dos evoluídos, tradicionalistas reforçados, mas que se julgam iluminados e desejam um regresso ao Alcorão, interpretado em todo o seu rigor e em toda a sua pureza. Entre os reformistas e evoluídos — formando a elite muçulmana — há uma rivalidade enorme que nós mal compreendemos.

O reformista despreza e inveja esses alunos do Ocidente, os evoluídos. E também despreza a ignorância dos marabús e as práticas das confarias, que são, aos seus olhos, cheios de superstições. Estes reformistas são formados nas universidades orientais: El Azhar, no Egipto; Zitouna, em Tunísia; Karouyne, em Marrocos. São teólogos e juristas, chamados «ulemas» — da palavra «alem», que significa sábio. Os «ulemas» são todos apóstolos. O seu trabalho, normalmente, é feito sem ruído, mas é profundo. Elevam os espíritos e preparam as gerações que sobem. Estão quase que pondo de pé uma espécie de Islão rural, que se espalha não só na África do Norte mas também na parte islamizada da África Negra. Estes reformistas têm, contra nós, um argumento muito forte e, infelizmente, justificado, em parte: condenam a civilização ocidental declarando-a decadente porque não é espiritual. E nós, cristãos, que gememos sob o secularismo ocidental, somos obrigados a reconhecer no Islão renovado uma fé vigorosa, um fervor na prece, que bem desejariamos ver renascer entre nós. O secularismo ocidental é, seguramente, uma das causas do abateamento do nosso prestígio. Muito têm que trabalhar os nossos missionários para o elevar, de novo, aos olhos dos muçulmanos. Um Père de Foucauld teria compreendido. Um Psichari teria reencontrado a fé cristã em contacto com a fé islâmica. Diante do secularismo, os reformistas têm a melhor parte. O panislamismo julga-se com todas as razões para viver. Com efeito, todos os fiéis do Islão acreditam num livro: o «Alcorão». E o «Alcorão» não é apenas um livro sagrado; é também um código, uma lei civil, uma concepção política. Os muçulmanos nunca deixam de considerar como pertencentes à casa do Islão os países que foram, mesmo remotamente, muçulmanos. O Islão perfilha a apaixonada afirmação de Habib Bourguiba, chefe do Neo-Destur: «Deus nunca aceitou, nem aceitará que muçulmanos se deixem comandar por infiéis... Um muçulmano que aceita estar sob as ordens de um descrente comete um pecado contra a religião...»

É uma ideia falsa pensar que o Islão se limita a uma reconquista, a uma libertação. Há, sempre, no pensamento dos seus adeptos, uma lei tornando obrigatória a «Guerra Santa», quer dizer, um esforço para promover, em toda a terra, os direitos de Deus. Encontrou-se — escrita por uma pena muçulmana — a frase seguinte: «A comunidade muçulmana não é

supranacional; é a única nação que tem o pleno direito de existir sobre a terra...» Enquanto o catolicismo do cristianismo não se estende — idealmente — senão às almas, o Islão confunde o poder sobre as almas com o poder sobre os corpos e sobre a humanidade inteira. Evidentemente que assistimos a um ressurgimento no seio dos países muçulmanos. Durante o último meio século assistimos, ao contrário, a uma decadência dos princípios islâmicos: a Turquia tornou-se laica. O Califado desapareceu. Os estados muçulmanos separaram-se e fizeram vida aparte. O Líbano optou pelo pluralismo. Na Síria, o Islão deixou de ser a religião do Estado. No Egipto, deixou-se de punir com a pena de morte o muçulmano que abandonasse a sua religião. Podia, nessa altura, pensar-se que o Islamismo trilhava as estradas do Ocidente e que as barreiras que os separavam caíam. Hoje, dá-se um refluxo de uma violência espantosa. O mundo islâmico afasta-se de nós. O fanatismo muçulmano está desencadeado. Se pronunciamos a palavra *fanatismo* é porque não se trata simplesmente de uma fé. Os muçulmanos — alguns muçulmanos — não hesitam em violar abertamente a lei de Deus sob o disfarce de a defender. A prática do assassinato político mancha, de forma odiosa, a história dos jovens estados muçulmanos, quer se trate do Afeganistão, do Iraque; do Iemen, do Egipto; da Síria, ou dos horribéis crimes dos «rebeldes» na Argélia.

Um teólogo do Islão, M. Malek Benami, no seu livro «Vocaçãõ do Islão», afirma que o campo da civilização se está a deslocar, agora, do Ocidente para o Oriente e dá como razão desse movimento o facto de que «só a alma permite à humanidade o elevar-se.»

Concordamos com este princípio contra o materialismo que desonra o mundo actual, mas não podemos, na verdade, reconhecer uma autêntica manifestação da alma no terrorismo abominável que desonra o Islão. Isto mesmo nos explica, admiravelmente, o escritor Robert Herly, na «Revista dos Dois Mundos», de 15 de Junho de 1953, sob o título «Panislamismo e Ocidente», por estas palavras: «Na realidade, a situação que acabamos de descrever não responde nem sequer a um ambiente de guerra religiosa. Este aspecto que se lhe quer atribuir não passa de aparência. E, de facto, com um novo imperialismo que nos temos de hayer, com uma guerra de civilização, na qual o Islão é utilizado como instrumento, mas em que se trata de agrupar contra o Ocidente o conjunto do mundo não-ocidental. O domínio sobre a África está em jogo...»

Entre o Islão e o Cristianismo começou uma corrida de velocidade. A quem pertencerá a África, no futuro? Tornar-se-á cristã ou muçulmana? Nestas perguntas está, na verdade, todo o drama.

**ACIDENTE MORTAL NO TRABALHO**

Na passada terça-feira, quando trabalhava na limpeza dum tubo gerador de gás das soldadeiras, na Fábrica do Vazio «SOLIVA», desta vila, sofreu forte intoxicação o operário Eduardo Rosa Meneses, solteiro, de 22 anos, natural desta freguesia. Socorrido imediatamente pelos companheiros, foi transportado ao Hospital Marquês de Pombal, onde faleceu pouco depois do seu ingresso.

O funeral do desditoso rapaz, que era muito estimado pelos patrões e colegas, realizou-se na quarta-feira, com grande acompanhamento, para o cemitério local.

**DEPÓSITOS PARA AZEITE**

4 — Rectangulares, em chapa de ferro de 7 m/m de espessura, cravados, régua em latão marcada e nível em tubo de vidro, torneiras e mferro fundido — capacidade 9.000 quilos cada.

4 — Redondos, em chapa de ferro de 3,5 m/m, cravados, régua de latão marcada, nível em tubo de vidro, torneiras em ferro fundido — capacidade 2.400 quilos cada. Todos os depósitos estão em perfeito estado e têm em cima tampa de 400 m/m — para limpeza.

Vendem: ILIDIO PANINHO, LDA. — SETÚBAL